

**SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. 14ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção Primeiros Passos; 110)**

*Salete Aparecida de Oliveira Horst<sup>1</sup>*

O autor José Luiz dos Santos nasceu em Santos, SP, em 1949. Fez seus estudos de Ciências Sociais e Antropologia nas universidades de São Paulo, Estadual de Campinas e de Londres. É professor de antropologia na Unicamp há vários anos, tendo passado alguns períodos no Museu Paraense Emílio Goeldi e no Museu do Índio.

**O que é Cultura** é uma obra que reflete acerca de uma preocupação contemporânea bem viva nos tempos atuais: a cultura que, por sua vez, constitui-se numa preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro, pois, cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, sociedades e grupos humanos.

José Luiz dos Santos deixa bem claro que se faz necessário entender os sentidos que uma realidade cultural faz para aqueles que a vivem, haja vista que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam.

Desta forma, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas e, isto ocorre, não apenas dentro de grupos específicos “isolados” dos demais, pois, na verdade, se a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação e, assim, a discussão sobre cultura nos ajuda a pensar sobre nossa própria realidade social.

O autor nos lembra também que cultura pode ser vista como tudo aquilo que caracteriza uma população humana; que cada cultura é fruto de uma história particular e que, apesar da existência de tendências

<sup>1</sup> Resenha apresentada na disciplina de Sociologia, com requisito parcial para obtenção de créditos, sob a orientação da prof<sup>a</sup> Regina Coeli Machado e Silva.

<b>IDEAÇÃO</b>	Foz do Iguaçu	<b>n.4</b>	p.145-149	<b>2001</b>
----------------	---------------	------------	-----------	-------------

gerais constatáveis nas histórias das sociedades, não é possível estabelecer seqüências fixas capazes de detalhar as fases por que passou cada realidade cultural, ou seja, os esforços para colocar as culturas humanas num único e rígido esquema de etapas não foram bem sucedidos.

A questão da classificação (hierarquização) das culturas além de buscar justificar o domínio das sociedades capitalistas centrais (Europa) no século XIX também serviu para a afirmação de idéias racistas de forma que os povos não-europeus eram considerados inferiores. Assim, o que se deve ter em conta é que a diversidade das culturas existentes acompanha a variedade da história humana, expressa possibilidades de vida social organizada e registra graus e formas diferentes de domínio humano sobre a natureza e, por sua vez, a idéia de uma linha de evolução única para as sociedades humanas é absolutamente ingênua e esteve sempre ligada ao preconceito e discriminação raciais.

No entanto, o autor alerta que se a hierarquização das culturas é um caminho perigoso, por outro lado, a relativização total do estudo das culturas desvia a atenção de indagações importantes a respeito da história da humanidade, pois, a observação de culturas alheias se faz segundo pontos de vista definidos pela cultura do observador, que os critérios usados para classificar uma cultura são também culturais, ou seja, tudo é relativo. Porém, essa equação é enganosa porque só se pode propriamente respeitar a diversidade cultural se se entender a inserção dessas culturas particulares na história mundial e, além do mais, mostrar que a diversidade cultural existe não implica concluir que tudo é relativo.

O autor aborda também as duas concepções básicas de cultura: a primeira nos remete a todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. Já a segunda concepção se refere mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo, ou seja, cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio da vida social. Porém, em ambas as concepções não se pode entender a cultura como uma realidade estanque, parada pois as culturas humanas são sempre dinâmicas.

No que se refere às preocupações com a cultura, o autor nos conduz à Grécia, Roma e China antigas, entre as primeiras civilizações que buscaram refletir sobre a questão. Já a sistematização dessas preocupações com a cultura desenvolveu-se a partir do século XVIII na Alemanha e mais ainda no século XIX com a intensificação do poderio das nações européias frente aos povos do mundo. Também foi no século

XIX que se tornou dominante uma visão laica (não-religiosa) do mundo social e da vida humana.

Outro aspecto ressaltado na obra é o que se refere aos processos de simbolização que são muito importantes no estudo da cultura. É a simbolização que condensa o conhecimento, que permite que as informações sejam processadas, que a experiência acumulada seja transmitida e transformada. No entanto, reduzindo a cultura ao estudo do simbolismo de seus elementos pode-se acabar entendendo cultura como uma dimensão mecânica da vida social, algo que sempre expressa apaticamente alguma outra coisa, e com isso obscurecer o caráter transformador do conhecimento que, em sua essência, é um fator de mudança social.

Nesse ponto, José Luiz dos Santos parte para nova reflexão (mais engajada) acerca da cultura como uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social, ou seja, cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas e biológicas; é, isto sim, um produto coletivo da vida humana; um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade.

Não obstante todas as demais observações, o autor faz questão de deixar claro que, para ele, cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

Ao abordar a questão cultura popular X cultura erudita, o autor lembra que a cultura popular é sempre pensada em relação à erudita, à alta cultura, a qual é de perto associada historicamente às classes dominantes. Assim, é muito difícil numa sociedade como a nossa estudar manifestações culturais que não estejam relacionadas às poderosas instituições dominantes e suas concepções. A oposição entre popular e erudito na cultura é um produto das relações entre as classes sociais.

A cultura é criativa, insiste José Luiz dos Santos, por isso, ao pensar em cultura é preciso considerar os processos sociais que dizem respeito à sociedade como um todo. A cultura mantém relações complicadas com a sociedade de que faz parte. Ela é produto e produtora dessa sociedade, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e

de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas. Assim, a cultura não é um mero reflexo dos aspectos da sociedade, não é um espelho amorfo pois, na dimensão cultural é sempre possível antever e propor alterações nas condições de existência da sociedade.

Nas modernas sociedades industrializadas tem-se a indústria cultural que parece homogeneizar a vida e a visão do mundo das diversas populações, amaciando, por sua vez, os conflitos sociais. Desta forma, meios de comunicação poderosos tais como a televisão, o rádio, a imprensa e o cinema procuram gerar necessidades e expectativas massificadas. Essas mensagens da indústria cultural com o propósito do controle das populações são um projeto dos interesses dominantes da sociedade, mas não são a cultura dessa sociedade.

Com relação à cultura nacional, pode-se admiti-la haja vista que se entende aqui cultura como uma dimensão do processo social, então a cultura nacional é resultado e aspecto de um processo histórico secular de trabalho e produção, de lutas sociais, conseqüência das formas como a nação se produziu. A cultura nacional é, portanto, mais do que a língua, os costumes e as tradições de um povo.

Como a cultura em nossa sociedade não é imune às relações de dominações que a caracterizam, nenhum grupo no interior de uma sociedade tem uma cultura autônoma ou isolada. Portanto, não se pode discutir sobre cultura ignorando as relações de poder dentro de uma sociedade ou entre sociedades.

O autor encerra a sua obra afirmando que cultura é o legado comum de toda a humanidade; uma produção coletiva que, nas sociedades de classes, seu controle e benefícios não pertencem a todos. Isso se deve ao fato de que as relações entre os membros dessas sociedades são marcadas por desigualdades profundas, de tal modo que a apropriação dessa produção comum se faz em benefício dos interesses que dominam o processo social. A conseqüência disso é que a própria cultura acaba por apresentar poderosas marcas de desigualdade.

É por isso, conclui o autor, que as lutas pela universalização dos benefícios da cultura são ao mesmo tempo lutas contra as relações de dominação entre as sociedades contemporâneas, e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. São lutas pela transformação da cultura.

Desta forma, O que é Cultura faz com que mergulhemos numa profunda reflexão acerca da nossa própria existência, dos valores que

praticamos no nosso dia-a-dia. Faz assim com que tenhamos mais vontade de rever esses (pré) conceitos que, a bem da verdade, não são construídos por nós, mas, em nós e, dos quais, dificilmente conseguimos nos desvencilhar.

Obviamente que abirmos nossas mentes para compreender outras culturas não significa que precisemos vivê-las, no entanto, sem dúvida, “viajaríamos bem mais leves” se adotássemos posturas mais moderadas com relação a outras raças, nações, crenças, épocas, costumes, valores, enfim. Com certeza, além de um mundo interior mais harmonioso, teríamos também menos ódio, desigualdades e guerras em torno de nós.